



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE DOURADOS-MS
LETRAS – HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS

SÔNIA IVANIR CARDOSO AQUINO

EDGAR ALLAN POE E A TRAJETÓRIA DO HORROR NO CONTO
“A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA”

DOURADOS-MS

2015

SÔNIA IVANIR CARDOSO AQUINO

**EDGAR ALLAN POE E A TRAJETÓRIA DO HORROR NO CONTO
“A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Lucília Teodora Villela de Leitgeb Lourenço

DOURADOS-MS

2015

A669e Aquino, Sônia Ivanir Cardoso
Edgar Allan Poe e a trajetória do horror no conto “A máscara da morte vermelha” / Sônia Ivanir Cardoso Aquino.
Dourados, MS: UEMS, 2015.
32p. ; 30cm.

Monografia (Graduação) – Curso de Letras Habilitação
Português-Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do
Sul, 2015.

Orientadora: Profa. Dra. Lucília Teodora Villela de Leitgeb
Lourenço.

1. Edgar Allan Poe 2. Horror 3. Short Story. I. Título.

CDD 23.ed. 813

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Data e assinatura do autor

SÔNIA IVANIR CARDOSO AQUINO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**EDGAR ALLAN POE E A TRAJETÓRIA DO HORROR NO CONTO
“A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA”**

APROVADO EM: ____/____/2015

Orientadora: Profa. Dra. Lucília Teodora Villela de Leitgeb Lourenço
UEMS/Dourados

Profa. Ma. Karolinne Finamor Couto
UEMS/Dourados

Prof. Dr. Adilson Crepalde
UEMS/Dourados

“Os contos de Poe precisaram ser escritos porque as coisas velhas precisam morrer e se desintegrar, porque a velha psique branca precisa ser gradualmente destruída para que toda e qualquer outra coisa possa acontecer” (LAWRENCE, 2012, p.95).

*Dedico este trabalho especialmente à
minha família que tanto amo, Dorileu
e Juliana.*

AGRADECIMENTOS

Em especial, em primeiro lugar vou agradecer a Deus, nosso criador que é a força maior, pelas graças recebidas, da sabedoria, do amor, da vida, e de todas as bênçãos que tenho recebido em minha vida, de estar aqui concluindo este curso de formação na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, do qual me orgulho muito.

Agradeço do fundo do coração, meu esposo Dorileu, minha filha Juliana, meu irmão Agábito e minha sobrinha Alessandra por estarem sempre do meu lado me apoiando, dando força e coragem porque realmente não é fácil, temos que ter uma estrutura, apoio e muita perseverança para conseguir nosso mérito.

Agradeço em especial a minha orientadora, Professora Doutora Lucília Teodora Villela de Leitgeb Lourenço, que me guiou nesta caminhada com honestidade, sabedoria, paciência, simplicidade e maestria neste processo de elaboração da conclusão do presente trabalho, aqui registro meus sinceros agradecimentos.

No geral, também agradeço a todos meus companheiros de sala, professores, amigos, familiares, que juntos torceram pela minha conquista, e que me ajudaram oferecendo grande apoio no momento mais difícil. Alguns amigos, em especial os quais trilhamos esse caminho comigo; agradeço aos colegas Adriana, Cristian Paula, Davino, Ellen, parceiros inesquecíveis desta conquista. “Valeu”, meu muito obrigado.

RESUMO: O objetivo deste estudo é apresentar o criador do gênero *short story*, *Edgar Allan Poe, sua história de vida* e analisar a trajetória do horror no conto “A Máscara da Morte Vermelha”, um poeta, ficcionista e crítico literário. Poe, contemporâneo do período romântico, inovou ao colocar o horror no texto literário. Permanece atual e não é incomum ver seus escritos analisados, alvo de inúmeros debates nos campos de pesquisas dos estudos literários. Pioneiro da literatura de ficção científica e fantástica moderna notabilizou-se por seus contos de terror, concentra-se a funda na psique humana, provocando um estado de tensão.

PALAVRAS-CHAVES: Edgar Allan Poe, horror, *short story*.

ABSTRACT: The objective of this study is to present the creator of the short story genre , Edgar Allan Poe , her life story and analyze the trajectory of horror in the story " The Masque of the Red Death " , a poet , fiction writer and literary critic. Poe contemporary of the romantiscism, created something new adding horror to the literary text. It's not uncommon to see his writings being analysed subject of many debates on literary studies research. Pioneer of moderns science fiction and fantastic, became famous for his horror *short stories* concentrated deeply into the human soul, provoking tension.

KEY-WORDS: Edgar Allan Poe, horror, *short story* .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - O HORROR NA VIDA DE EDGAR ALLAN POE E SUA CRIAÇÃO LITERÁRIA	12
1.1- Vida marcada por agruras do destino e amores	12
1.2- Casamento, carreira e morte	13
1.3- O nascimento de uma nova ficção: reação ao romantismo e contribuições ...	14
1.4- O processo criativo dos contos	15
1.5- Traços de estilo do autor.....	17
CAPÍTULO II – O PERÍODO ROMÂNTICO: REFLEÇÕES.....	18
2.1- A época romântica.....	18
2.2- O gênero literário na narrativa	18
2.3- O gênero lírico do romantismo.....	19
2.4- Poe e sua influência.....	20
CAPÍTULO III – ANÁLISE DO CONTO “ A MÁSCA DA MORTE VERMELHA”	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27
ANEXOS.....	28

INTRODUÇÃO

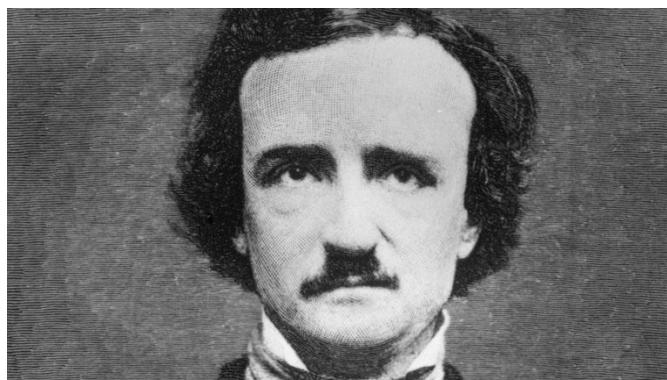


Figura 1- Autor Edgar Allan Poe

O objetivo deste trabalho é estudar a importância da vida do autor para que possamos ter uma melhor compreensão sobre sua vida. No primeiro momento o objetivo do presente trabalho é apresentar uma construção, para reflexão e a compreensão, através de pesquisa que leva a construção de conhecimento histórico da vida do autor intitulado “O horror na vida de Edgar Allan Poe e sua criação literária”. A trágica vida do autor, com mortes sucessivas, primeiro a mãe verdadeira, a mãe adotiva, a mãe do amigo e no final, a morte de sua esposa são descritos para que suas circunstâncias sejam conhecidas. Apresenta-se o nascimento de um novo estilo de ficção, numa reação ao movimento romântico. Discute-se sua grande contribuição para a literatura norte americana. Discorre-se ainda sobre o processo criativo de sua *short story*. A poesia de Allan Poe também é apresentada e seu estilo analisado.

No segundo momento noções sobre o romantismo é apresentada, sob o título “O período romântico: reflexões”. Discorre-se sobre a constituição do gênero narrativo, lírico, estilo e influência de Allan Poe.

Em terceiro plano apresenta-se a análise do conto “A Máscara da Morte Vermelha”.

CAPÍTULO I

O HORROR NA VIDA DE EDGAR ALLAN POE E SUA CRIAÇÃO LITERÁRIA

1.1 Vida marcada por agruras do destino e amores

O autor Charles Baudelaire, (1972) biógrafo, afirmou “A natureza torna a vida bastante dura àqueles de quem deseja extrair grandes coisas” e referia-se ao drama do gênio ao descrever sua biografia. Allan Poe teve uma vida marcada pela miséria, desgraça e alcoolismo; uma tragédia lamentável, porém tem horror pela trivialidade e em seus textos insere o luxo como referência do mal. (BARROSO, 2000, p. 33-36).

Allan Poe nasceu em Boston, no dia dezanove de janeiro em 1809, quando o pai abandonou-o por questões financeiras. Os pais trabalhavam como atores ambulantes. Antes de ser adotado aos quase três anos de idade a mãe faleceu de tuberculose e logo após uma família escocesa que não tinha filhos o acolhe e ele passou a adotar o sobrenome Allan. A família o levou para Glasgow, onde iniciou seus estudos, posteriormente os pais o colocaram em um internato em Londres. Tempos depois, voltou aos Estados Unidos da América para dar continuidade aos seus estudos.

Através dos dados biográficos, ficamos sabendo que Poe perdeu a mãe com menos de três anos, idade em que o sentido da morte é ainda desconhecido. Na mente infantil fixou-se a imagem da mãe “adormecida” que é levada embora de sua casa. [...] Marcado por uma infância de insegurança e sofrimento, Poe viveu circundado de gente doente ou hostil ao seu modo de sentir a vida. (D'ONOFRIO, 2004, SP)

Portanto, já na adolescência frequentava a casa do seu melhor amigo e agradava os conhecidos com bons resultados nos estudos e nos esportes, o que facilitava sua aceitação. A primeira paixão de Poe foi a mãe de seu amigo Robert Stanard, a Senhora Jane Stith Stanard. A Senhora Stanard logo perdeu a sanidade e subitamente veio a óbito.

Essa tragédia afetou profundamente o jovem e seus sentimentos, visitava o túmulo de Jane Stanard e dedicou-se a escrever um poema a fim de homenageá-la e descrever o que sentia. O poema “Helen” (1848) faz referência ao amor correspondido e esse foi um dos primeiros versos de muitos outros.

O pai adotivo de Allan Poe era um antigo comerciante de recursos, herda uma pequena fortuna, que lhe permite viver uma vida mais confortável nos Estados Unidos.

Quando Poe ingressa na Universidade de Virgínia, adquire novos amigos, envereda para o jogo e alcoolismo, provocando conflitos e discussões com o padrasto e este se recusa a pagar as dívidas causadas pelo vício do jogo; após a discussão, Allan Poe foge de casa.

Na procura de uma solução para resolver seus problemas de dívidas se alista no exército, para ingressar na carreira militar, porém logo é expulso da corporação por falta de disciplina.

Neste período, falece a sua mãe adotiva, sua grande defensora, e Poe não pode se despedir dela. Algum tempo depois, o viúvo decide casar-se, escolhe uma senhora muito jovem, e Poe não aceita essa união, provocando mais desentendimentos. Nascem gêmeos, os verdadeiros herdeiros. Poe nunca fora reconhecido como filho pelo senhor Allan, nem fez parte do testamento do padrasto. Publica seu primeiro livro de versos, *Tamerlane and Other Poems*.

1.2 Casamento, carreira e morte

Poe teve uma vida sentimental tão atribulada quanto sua vida profissional e familiar. Muitos amores que não foram duradouros; no entanto tais dissabores sempre foram molas propulsoras de suas criações literárias.

Segundo Salvatori D'Ónofrio, (2004) Poe, não tendo para onde ir, procura alojamento na casa de sua tia materna, a senhora Clemm, em Baltimore ocasião em que se apaixona perdidamente por sua prima de apenas treze anos:

Mais tarde casa-se com a prima Virgínia, jovem de pouco mais de treze anos; mas trata-se de “núpcias branca”, pois segundo alguns biógrafos, Poe não conseguiu consumir o casamento, num primeiro momento por achá-la nova demais e mais tarde porque a esposa começara a sofrer de tuberculose. [...] Em 1830, ingressa como cadete na Academia Militar de West Point, onde permanece por menos de um ano, pois decide finalmente dedicar-se exclusivamente à sua verdadeira vocação, a de escritor e torna-se redator do *Southern Literary Messenger*, começando a publicar contos e poemas, com certa regularidade, além de exercer a função de crítico literário. [...] Um ano depois abandona a revista do *Messenger* e muda com a sua família para Nova York. Depois de certo tempo o poeta publica seu romance *A Narrativa de Arthur Gordon Pym*. Allan Poe muda-se novamente para Filadélfia e como redator e crítico de *Gentleman's Magazine* publica em dois volumes a coletânea de contos, *Tales of the Grotesque and Arabesque*. Para Allan Poe é uma época de grandes êxitos literários, mas não para sua condição econômica que ainda continuava precária, iniciava editar seus famosos contos

policiais que logo traz- lhe a conquista através do seu longo esforço de trabalho. (D’Onofrio, 2004).

Sua esposa é acometida pelos primeiros sintomas da doença, o poeta decide mudar para Nova York e no *New York Sun* publica o conto “Balela do Balão” (1844), uma narrativa fantasiosa que se faz passar por verdadeira. Muda-se para o campo e termina seu famoso poema “O Corvo” (1845), em que já trabalhava há dois anos.

A profunda miséria atingia o casal quando sua esposa Virgínia faleceu. A morte o persegue, marcando sua vida com fatalidade. Poe retornou à boemia e iniciou a escrita de ensaios filosóficos e literários para a sua sobrevivência, comparecia em conferências nas quais declamava seu longo poema que se torna famoso.

Poe decide cortejar Helen Whitman, uma bela viúva e parente do poeta Walt Whitman. Ela impõe que ele deixe a bebida e seus vícios. Ele obteve a promessa de casamento com a condição que deixasse a bebida e seus vícios.

Os amores de Poe sempre caminharam por caminhos tortuosos. O poeta dedicou à sua esposa Virgínia um dos seus profundos versos, “À Minha Mãe”. E com a constante crise do alcoolismo sofreu uma paralisia facial, após o noivado com a senhora Whitman, reencontra Elmira Royter, uma ex-namorada que no momento está viúva. O poeta propõe-lhe casamento, mas confessa ser ainda apaixonado pela senhora Richmond. Marcou uma data para a realização da cerimônia. Após um certo tempo Poe foi encontrado num estado irreconhecível e muito doente. Levado gravemente debilitado para ao hospital, após vários dias internado passando por delírio em febre sempre dizendo: “Senhor, ajudai minha pobre alma” o poeta vem a falecer.

1.3 O nascimento de uma nova ficção: reação ao romantismo e contribuições

O escritor se interessava pelo campo da psicologia humana e pelo lado obscuro das próprias emoções. Ex-aluno da Universidade de Virginia, sua ficção pertence a uma tradição de escrita sulista.

O escritor fez grande contribuição para a Literatura Americana em três áreas: o conto, a crítica literária e a poesia e destacou-se na arte do conto. Seus contemporâneos escreviam sobre índios e natureza. Mas o escritor estava completamente envolvido com os processos de desintegração de sua psique. Poe apresenta uma vibração desintegrada mais cientista do que artista. Os moralistas sempre ficaram perplexos ao perguntar-se porque os contos mórbidos de Allan Poe precisavam ser escritos. Para David Lawrnce (2012) em

A Literatura Norte-Americana encontrou uma explicação convincente: ‘os contos de Poe precisaram ser escritos porque as coisas velhas precisam morrer e se desintegrar, porque a velha psique branca precisa ser gradualmente destruída para que toda e qualquer outra coisa possa acontecer. (LAWRENCE, 2012, p.95).

Diferentemente da maioria dos autores de contos de terror, o escritor Poe utiliza uma espécie de terror psicológico em suas obras. Demonstrou grande interesse pela psicologia e pelo lado obscuro da natureza humana, que coloca os seus personagens em determinadas situações que grande parte de seus contemporâneos não usou. Talvez seja por isso, por querer ser diferente, que Poe escolhe o conto como sua principal ferramenta para transmitir as suas idéias.

1.4 O processo criativo dos contos

O processo criativo dos contos de Poe foi doloroso e sempre pareceu estar ligado ao seu destino, sua sina, bastante amarga. Condenado a ter sua alma consumida numa grande e contínua desintegração e por fim teve de registrar o processo. Poe é diferente da maioria dos autores de conto de terror, faz uso de uma espécie de terror psicológico em suas obras sem que seus personagens oscilem entre a lucidez e a loucura, sempre cometem atos infames ou sofrem de alguma doença.

De acordo com David Lawrence (2012) os contos de Poe são história sobre almas humanas em suas lutas desagregadoras. Escreveu história de amor em “Ligeia” e “A queda da Casa de Usher”. “Em 1833, Poe já havia dominado a arte do conto e o tema foi sobre um aventureiro solitário que se encontra com horrores físicos e psicológicos em *MS Found in a Bottle* (1833)”. (LAWRENCE, 2012 p.96).

Seu método criativo era colocar seus personagens em situações inusitadas. Posteriormente ele descrevia seus sentimentos de horror e culpa, como foi feito no “O Gato Preto” (1843). O leitor deve usar sua imaginação já que o autor raramente demonstra o objeto do horror. Outro conto famoso do poeta é “A queda da Casa de Usher” (1839). O cenário da história e seus símbolos revelam o caráter do herói que enterra a sua irmã gêmea antes que ela esteja morta, e ela retorna para casa quando o irmão morre, a casa afunda dentro de um lago negro. As heroínas do autor com frequência “retornam do túmulo”. O poeta também foi um dos criadores da moderna história policial em que examinava mistério

ou problemas como em “Os Assassinos da Rua Necrotérios” (1841). O herói em muitos contos é o mesmo, o detetive francês Monsieur Dupin.

Poe também se interessava em poesia em seu aspecto sonoro, definindo a poesia como: “A criação rítmica da beleza”, são criativos até nos nomes que destaca com som musical: os poemas “Eulalie”, “Lenore” que “Ulalume”. Em Ulalume (1847) o poeta faz uma mistura de tristeza com horror, novamente o som é mais importante que o tema que o conflito, de amor físico e espiritual.

Só

Não fui, na infância, como os outros

E nunca vi como outros viam.

Minhas paixões eu não podia

Tirar de forte igual à deles;

E era outra origem da tristeza,

E era outro canto, que acabava

O coração para a alegria.

Tudo o que amei, amei sozinho.

Assim na minha infância, na Alba

De tormentosa vida, ergueu-se,

No bem, no mal, de cada abismo,

A encadear me, o meu mistério.

Veio dos rios, veio da fonte,

Da rubra escarpo da montanha,

Do sol, que todo me envolvia

Em outonais clarões dourados;

E dos relâmpagos vermelhos

Que o céu inteiro incendiavam;

E do trovão, da tempestade,

Daquela nuvem que se alterava,

Só, no amplo azul do céu puríssimo,

Como um demônio, antes meus olhos.

O poeta Allan Poe foi um mestre da poesia, com um estilo elevado, de uma grande capacidade de estrutura e inspiração, usando uma técnica apurada em seus poemas que

vivem acima de qualquer escola literária. O poema “Só” apenas reflete toda sua técnica, consegue inserir fatos de suas vivências de forma que a tragicidade de sua vida transpareça.

1.5 Traços do estilo do autor

Segundo o crítico David H. Lawrence (2012) o estilo de Poe tem qualidade mecânica assim como sua poesia também tem um ritmo mecânico, ele nunca vê as coisas em termos devidos: ele a vê quase sempre em torno de matéria: jóia, mármore, cortina, tapeçaria, paredes, janelas e veludos negros. Allan Poe descreve todas as cenas aos mínimos detalhes.

O fascínio exercido pelo assassinato é algo curioso. Para Poe o assassinato não se resume ao ato de matar, o assassinato é o desejo de chegar ao próprio âmago da vida e suprimi-lo, porém o procedimento furtivo e o frequente desmembramento mórbido do cadáver, e tentativa de chegar à própria essência do assassinado, de encontrar essa essência e possuí-la. A alma do homem recusa a ter o âmago de vida apunhalado. Há nele o desejo frustrado de continuar praticando a maldade após a morte.

CAPÍTULO II

O PERÍODO ROMÂNTICO: REFLEXÕES

2.1 A época romântica

Salvatore D'Onofrio, (2004) assevera que o romantismo sempre existiu em um sentido amplo porque sempre existiram artistas de temperamento exaltado ou melancólico, que colocavam na emoção sua inspiração e faziam da sua criação um ato de liberdade. Classifica nove características românticas: Subjetivismo, Liberdade, Sentimento, Historicismo, Pessimismo, Burguesia, Fantástico, Embriaguez e Natureza.

Segundo Salvatore D'Onofrio, o movimento literário europeu surgido na Alemanha, graças à fuga de intelectuais franceses exilados, foi denominado de romantismo:

O romantismo surgiu na Alemanha e na Inglaterra, entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX, em defesa da liberdade de sentir, de viver e de expressar, apregoando a derrocada de qualquer forma de absolutismo: político, contra o imperialismo e a favor de regimes constitucionais; religiosos, contra o dogmatismo e a favor de uma religião mais sentida, social, contra a prepotência das classes dominantes e a favor das aspirações da nascente classe burguesa; estético, contra as regras do classicismo e a favor de uma total liberdade de expressão artística. O fenômeno artístico-literário que está ligado com o desenvolvimento sociocultural pelo qual passou a Europa durante a segunda metade do século XVIII. A atividade comercial, intensificada a partir da Renascença com as Grandes Navegações, acabou provocando uma grande atividade industrial que, devido ao sucessivo progresso científico e tecnológico deu origem a uma verdadeira revolução. D'ONOFRIO, 2004 (p. 327).

O romantismo, antes de ser um movimento estético, ideológico e social o era apenas uma atitude espiritual, que era uma postura perante a vida que constituía numa coordenada fundamental do ser humano. A concepção romântica da existência e da arte.

2.2 O gênero literário na narrativa

Salvatore D'Onofrio (2004) ensina que a obra do autor norte-americano Allan Poe (1809-1849), desprezou o uso dos longos romances, volta-se para os *shorts stories*, mais aptas a expressar a densidade dramática e a causar no leitor o efeito de surpresa e de

estranhamento, típicos do seu estilo literário. Sua criação literária engloba contos policiais, de terror e de mistério, de caráter filosófico e humorístico, além de outras narrativas de viagens fantásticas e de alguns ensaios. (p. 335). Para o crítico, Allan Poe foi o primeiro grande ficcionista do continente americano e dos países colonizados que, mais do que recebeu, exerceu influências sobre os escritores do Velho Mundo. Após Baudelaire, ter traduzido as *Estórias Extraordinárias*, Edgar Allan Poe tornou-se conhecido na Europa, seus passos consciente ou inconscientemente, foram seguidos por vários ficcionistas ocidentais. Seus contos policiais especialmente o antológico *Os crimes da Rua Morgue*, o primeiro do gênero, criaram escola: os personagens Lecoq, de Émile Gaboriau, e Sherlock Holmes, de Conan Doyle, são réplicas modernas do detetive Dupin, idealizado pelo escritor norte-americano.

O romance de ficção científica de Júlio Verne deve muito aos contos fantásticos *As aventuras sem par é de um certo modo de Hans Phaall* e *A balela do balão*. Quanto também à influência enorme Allan Poe teve também sobre o chamado “romance negro”, as narrativas de terror e de morte, cujos exemplos mais marcantes são seus contos *A queda do solar de Usher*, *O caso do senhor Valdemar* e *A máscara da morte rubra*. (D’ONOFRIO, 2004, p.335).

Poe também influenciou o chamado o “romance negro” baseado nos contos de narrativas de terror e morte.

2.3 O gênero lírico do Romantismo

Para D’ONOFRIO, 2004, durante o romantismo o gênero lírico já alcançava a maior relevância. Identifica-se “com o próprio conceito de poesia, no seu sentido estrito. Goethe, Keats, Musset, Lamartine, Leopardi, Poe são poeta de primeira linha, que iniciam um filão de lirismo intimista”, cuja influencia marcará a poesia simbolista e modernista. (p. 341).

Alguns críticos subestimam os valores da obra de Poe, mas para o crítico D’ONOFRIO, (2004) o autor só merece elogios, considera que talvez o maior poeta lírico da época romântica, seja Edgar Allan Poe (1809-1849), o criador do conto policial e de história fantástica. Sua obra em versos foi imitada largamente por autores europeus, especialmente ligados à escola simbolista. Um dos poetas “malditos” da literatura universal, explorou as anomalias da natureza humana. Vivendo na plena explosão do movimento romântico, conseguiu expressar esteticamente os anseios e as perplexidades, as contradições e as complexidades dos homens da sua época. Contestador dos valores sociais do viver burguês

tentou mergulhar nas profundezas da alma humana, revelando o lado desconhecido da existência individual.

Poe se refugia no mundo do sonho e da imaginação que o leva à descrição do insólito e do surpreendente, expresso com tanta lucidez e coerência interna, que dá a impressão de realidade. O autor deixar-se levar constantemente pela sensibilidade e pela inspiração, formalmente pode ser considerado um escritor clássico, porque seus textos literários são extremamente elaborados, que apresentam grande verossimilhança interna. A lógica primorosa com que compõe o poema “o corvo”, como a descrita por ele mesmo no ensaio “A filosofia da composição”. Allan Poe foi um poeta altamente estruturante e teve em Fernando Pessoa um dos sucessores mais ilustres. A capacidade de conjugar a inspiração com uma técnica apurada como na expressão camoniana “engenho e arte”, faz de Edgar Allan Poe um poeta singular, um mestre de poesia, que vive acima de qualquer escola literária.

De acordo com o autor Salvatore D’Onofrio, (2004) Allan Poe faz sua produção em versos constituída de trinta e quatro poemas em que se destacam as poesias inspiradas por mulheres: “Para Helena”, “Annabel Lee”, “Eulália”, “A minha mãe”, “Lenora”, “Para Anne”. Seu poema mais famoso é “The Raven”, traduzido para as mais importantes línguas ocidentais. Em português, temos as traduções de Machado de Assis, Fernando Pessoa, Oscar Lopes e Gondin da Fonseca.

2.4 Poe e sua influência

De acordo com Anthony Burgess (2005), a América deu uma contribuição considerável ao movimento romântico com as prosas e o verso de Edgar Allan Poe. Suas histórias permanecem como modelos do misterioso, porém seus poemas são menos fáceis de avaliar. Eles tiveram uma grande influência sobre os românticos franceses, e Poe pode ser visto como o pai de todo o movimento literário do século XIX na França, no entanto os seus leitores ingleses, às vezes, consideram-nos crus, barulhentos, sem gosto, como pode ser verificado no poema de Eulália:

Eu vivi só/ Num mundo de lamentação/ E minha alma era maré estagnada/ Até que a bela e gentil Eulália se tornou minha noiva ruborizada/ até que a jovem Eulália de cabelos de ouro se tornou minha noiva sorridente. (BURGESS, 2005).

A originalidade de Poe é incontestável e insuperável. Capaz de ser autor, crítico e poeta, o genial era possuidor de incomparável criatividade. Para Anthony Burgess (2005) a voz de Poe é individual, e seus experimentos em versos, embora sejam extravagantes em sua maioria, orientam-se no sentido de dar ao verso uma liberdade maior do que aquela que os românticos ingleses (com seu amor pelas formas tradicionais) poderiam aprovar.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DO CONTO “A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA”



Figura 2- A máscara da morte vermelha

No conto *A Máscara da Morte Vermelha*, o narrador onisciente conhece todos os detalhes da história e o caráter de cada um dos personagens. No entanto, o narrador nada revela sobre a personalidade da Morte Vermelha, já que este é o “grande tesouro” que prende a atenção do seu leitor, criando um suspense durante toda a narrativa, atenção minuciosa aos detalhes do ambiente, usando uma linguagem despojada, explorando figuras macabras que apresentam cenas de dor e desespero.

O conto é visto por vários críticos como alegóricos, embora Allan Poe rejeitasse as representações alegóricas na literatura, isto significa a obra artística que representa uma idéia abstrata mediante formas que a tornam compreensível. Entretanto sua ficção encontra-se permeada de representações alegóricas imprecisas, como se segue:

As manchas escarlates no corpo e especialmente no rosto da vítima eram o banimento pestilente que alijava a pessoa da ajuda e solidariedade de seus semelhantes. E o processo todo de acometimento, progresso e término da doença consistia de meia hora. (LEITE, 2012, p. 66)

Segundo Azeredo (2013), no conto *A Máscara da Morte Vermelha*, uma moléstia conhecida como *A Peste Vermelha* assola um país fictício fazendo com que suas vítimas morram de forma rápida e cruel. Embora a doença esteja se espalhando desenfreadamente pelo principado, o governante príncipe Próspero se sente feliz e esperançoso. Tranca todas as portas do seu castelo imenso e ignora a doença que se alastra suas terras.

No conto quando fala do baile de máscara nos mostra como o homem tem tendência para coisas macabras, pois o conto retrata, enquanto a Morte Vermelha devastava as pessoas lá fora, o príncipe estava preocupado em organizar a festa de fantasia escolhendo tudo com o maior cuidado, fazendo uma mistura do belo com o horrível, o estranho com o fantástico no mínimo detalhe para alegrar seus convidados.

O príncipe convida os nobres para se refugiarem em seu castelo a fim de promover um isolamento da moléstia: tempos depois decide oferecer um baile de máscara aos seus súditos e decora os quartos de seu palácio em sete cores. O quarto da direita em posição leste recebe a cor azul. O próximo é decorado em roxo e os quartos seguintes a oeste são decorados com verde, laranja, branco e violeta. O quarto com decoração mórbida é o sétimo.

Este ambiente influencia toda a ação aqui neste conto, segundo Azeredo (2013), por exemplo, o jogo das cores, o autor explora os extremos: *Vida X Morte*. No conto as cores escuras denunciam a presença da morte e as claras significam a fase da existência da vida do homem no castelo, o azul é a pré-infância, violeta infância, verde juventude, laranja adolescência, branco maturidade, roxa velhice e a preta morte.

O sétimo apartamento era densamente amortalhado em reposteiros de veludo negro pendendo por todos os lados do teto e das paredes, caindo em pesados drapejamentos sobre um tapete de mesmo material e matiz. Mas apenas nesse recinto a cor das janelas deixava de corresponder à da decoração. As vidraças eram escarlates – uma profunda cor de sangue. (idem, p. 67).

O quarto principal tem decoração em preto com janelas vermelhas: Nele há um enorme relógio negro que cada hora emite um som alto e perturbador que faz a orquestra e os convidados pararem. Na noite do baile os convidados se divertem nos corredores do castelo sem se preocupar com que se passa fora do castelo, a maioria dos foliões evita transitar no corredor da sala preta por causa da atmosfera sombria e das badaladas do relógio.

Havia nesse aposento, ainda, encostado na parede oeste, um gigante relógio de ébano. Seu pêndulo oscilava de um lado para outro com um ruído surdo, pesado, monótono; e quando o ponteiro dos minutos completava seu percurso diante do mostrador, e soava a hora, dos brônzeos pulmões do relógio brotava um som distinto, alto, profundo, extraordinariamente musical, mas vibrando com nota e ênfase tão peculiares que, ao lapso de cada hora, os músculos da

orquestra eram obrigados a fazer uma pausa momentânea em sua apresentação, para escutar o som; e desse modo os valsistas forçosamente interrompiam suas evoluções; e um breve desconcerto tomava conta de toda a alegre comitiva; e, enquanto o carrilhão do relógio ainda soava, observava-se que os mais agitados iam ficando pálidos, e os mais idosos e entorpecidos passavam a mão na testa como que em confuso devaneio ou meditação. (idem, p. 68).

O relógio é uma peça fundamental no conto, pois anuncia a presença da Morte Vermelha no castelo e arredores, com badaladas tenebrosas. A meia noite surge um novo hóspede usando uma máscara com um rosto de um cadáver, e sua veste lembra uma mortalha funerária, seu rosto tem manchas de sangue sugerindo que ele é uma vítima da *Peste Vermelha*.

A figura era alta e descarnada, e amortalhada da cabeça aos pés nas roupagens do túmulo. A máscara que ocultava as feições era feita de modo tão próximo a se assemelhar ao semblante de um cadáver enrijecido que um escrutínio mais detido teria tido dificuldade em detectar o embuste. E contudo, tudo isso podia ter sido suportado, quando não aprovado, pelos burlescos foliões em torno. Mas o fantasiado chegara ao extremo de assumir a caracterização da Morte Vermelha. Sua vestimenta estava salpicada de sangue – e sua ampla fronte, com todas as feições do rosto, aspergida com o horror escarlate. (idem, p. 70).

O mascarado passa por todos os quartos e o príncipe o alcança no quarto preto e vermelho. Ao encarar a figura, morre e os convidados surgem no intuito de atacar o encapuzado, mas percebem que não há ninguém por baixo do traje. Todos morrem e a figura da morte triunfa, no entanto até o relógio preto parou de tocar com a morte da última pessoa.

O conto pode ser interpretado como uma alegoria sobre a vida e a morte e a tendência dos seres humanos em escapar dela. Os quartos do palácio representam as fases da vida, fazendo referência ao nascer do sol no leste e se pondo ao oeste, já o último quarto negro, simboliza a morte, que seria o ponto final da vida aos hóspedes e estes o temem como temem a morte.

A narrativa utiliza o número sete, para refletir as sete fases da vida do homem que são nascimento, infância, juventude, adolescência, maturidade, velhice e morte. O relógio lembra aos convidados sobre o julgamento final sobre a morte. Castelo e comunidade representam o nível da classe social, neste caso no conto é a realeza.

E agora era reconhecida a presença da Morte Vermelha. Ela entrara como um ladrão na calada da noite. E, um a um, tomaram os festivos convivas nos salões orvalhados de sangue de sua festa, e morreram

um a um na posição de desespero em que tombaram. E a vida do relógio de ébano se extinguiu junto com a do último folião. E as chamas dos tripés expiraram. E as Trevas e a Dissolução e a Morte Vermelha estenderam seus ilimitados domínio sobre eles todos. (idem, p. 72).

O poeta coloca a política o religioso e o abstrato, o literal e oferece a possibilidade de uma representação oculta do outro sentido. A explicação teórica para a criação de Allan Poe se encontra respaldo teórico em *Literatura Ocidental*:

O mundo romântico transcende o real e se abre para o mistério, o sobrenatural. E um novo conceito de mimese que se afirma: além da imitação da realidade exterior ou interior, dá-se a representação daquilo que pode existir apenas no sonho e na imaginação. O que acontece na obra de arte pode ser impossível de acontecer na realidade, pois é fruto da pura fantasia, não pressupondo nenhuma explicação de ordem lógica, religiosa ou mágica. (D'ONOFRIO, 2004)

O poeta finaliza seu conto com a colocação dos convivas ensangüentados e mortos e até a vida do relógio se apaga e tudo se transforma em trevas. O conto oferece muita leitura e diferentes interpretações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa sobre o talentoso autor Edgar Allan Poe foi realizada a partir dos dados bibliográficos, reflexões sua criação de novo estilo de ficção, sua influência sobre os autores e inúmeras releituras que são presentes em outras artes como o cinema e a televisão, internet pinturas entre outras. Poe enfrentou inúmeras dificuldades em sua breve existência; A tragicidade incomum com tantas perdas sucessivas de pessoas queridas, sem contar as inúmeras dificuldades financeiras. Apesar de tudo, o autor conseguiu ser o que sempre desejou em sua vida, triunfar com sua criatividade, demonstrar que era talentoso, enfim, um grande escritor. Foi o primeiro poeta americano a conquistar uma sólida reputação internacional. O autor foi considerado um dos maiores poetas da época, pelos europeus, antes mesmo que seus compatriotas americanos o apreciem e reconhecerem.

O escritor foi também apresentado, com frequência como o grande criador de contos, não só nos Estados Unidos, mas no mundo inteiro. Planejava suas narrativas com a máxima perfeição. Em cada palavra, em cada frase agregava um diferencial com efeitos (...) sombrio, horrorizantes, pavorosos, (...). Neste contexto, o autor provocava nos seus leitores o envolvimento com o conto, e os conduziam irresistivelmente para a sua própria conclusão da obra.

Foi um artista que passou a vida inteira num sofrimento e atormentado com a família levando ao vício de bebidas alcoólicas, jogos e mulheres. Apesar de tudo, era um profissional exigente que havia desenvolvido suas técnicas do raciocínio ao compor sua criação literária tão diversificada. Suas obras expressam bem à dualidade do seu temperamento instável, sua mente e da sua arte que aparece em unidade de tons, de estrutura, de movimento, de se tornar um dia famoso conhecido como realmente um do mestre máximo da literatura.

Escolhido como tema de análise o conto *A Morte da Máscara Vermelha* é uma desconstrução do imaginário onde o autor trabalha com o contraste de uma maneira que envolve o leitor pelo lado bem e do mal, isto significa na análise que o homem nasce bom e o meio o corrompe seguindo o destino do mal. O conto também retrata uma doença fatal que devastava as pessoas em apenas meia hora levando ao horror e desespero na corte, provocadora de reflexão da fragilidade da vida humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Milton, “O Corvo” e suas traduções de Edgar Allan Poe. Rio de Janeiro. Ed. By Nova Aguilar em junho 2000.

AZAREDO, Genilda. Os Discursos Alegóricos da Morte Vermelha. Florianópolis Revistaliteris, 2013.

BAUDELAIRE, Charles. Les fleurs du mal. Librairie Générale, 1972.

BARROSO, Ivo, “O Corvo” e suas traduções de Edgar Allan Poe. Rio de Janeiro. Ed.by Nova Aguilar em junho 2000.

BURGESS, Anthony, Literatura Inglesa. São Paulo. Editora ática, 2005.

D’ONOFRIO, Salvatore, Literatura Ocidental. Autores e obras fundamentais. São Paulo. Ed ática, 2004.

D’ONOFRIO, Salvatore, Literatura Ocidental. Autores e obras fundamentais. São Paulo. Ed ática, 2000.

GRUNEWAD, José Lino, Grandes Poetas Da Língua Inglesa Do Século XIX, Organização e tradução. Ed. Bilíngüe, Nova Fronteira Rio de Janeiro 1988.

JAEGER José, Tradução: Autor: Edgar Allan Poe. 2010

LAWRENCE, D. H. (David Herbert), 1885-1930. Estudo sobre a Literatura Clássica Americana. Tradução: Heloisa Jahn. Rio de Janeiro Zahas, 2012.

LEITE, Cássio de Arante, Tradução de, Contos De Imaginação e Mistério de Edgar Allan Poe. Publicada pelo selo Tordesilhas em 2012.

LAGOS, William de, A Carta Roubada e outras histórias de crime e mistério de Edgar Allan Poe, da tradução, L& PM Editores, 2003. Porto Alegre: &, 2013.

MENDES, Oscar, 1902. Estética Literária Inglesa. São Paulo. Ed. Itatiaia: Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, coleção ensaio; V.10. 1983.

POE, Edgar Allan, contos de. Biblioteca Universal dos Estados Unidos, Ed. Três. 1974.

POE, Edgar Allan, The Mask of the Red Death. In: Tales of Mystery and Imagination, New York, Buccaneer Book Inc,1986.

ANEXOS

O CONTO A MÁSCARA DA MORTE VERMELHA

Havia muito tempo que a “Morte Vermelha” devastava todo o país. Jamais uma peste fora tão letal e tão terrível. O sangue era a sua encarnação e o seu sinal: o vermelho e o horror do sangue. Começava com dores agudas, com um desvanecimento súbito, e logo os poros se punham a sangrar abundantemente. Sobrevinha, então, a decomposição. Manchas escarlates no corpo e, notadamente, no rosto da vítima, segregavam-na da humanidade e a afastavam de todo socorro e de toda compaixão. O contágio, o progresso e o fim da enfermidade consumiam apenas meia hora.

Mas o Príncipe Próspero era feliz, intrépido e sagaz. Quando os seus domínios minguaram à metade de almas vivas, convocou um milhar de amigos fortes e de corações alegres, escolhidos entre os cavalheiros e damas da sua corte. E, com eles, formou um refúgio recôndito em uma de suas abadias fortificadas. Tratava-se de uma vasta e magnífica construção, criação dele mesmo, o Príncipe, conforme seu gosto excêntrico e majestoso. Rodeava a construção um muro espesso e elevado, guarnecido de portões de ferro. Uma vez transpostos os muros pelos cortesãos, estes se serviram de fornalha e de vigorosos martelos para soldar os ferrolhos. Deliberaram entrincheirar-se contra os súbitos impulsos ou os desesperos provenientes do exterior e lacrar todas as saídas aos frenezis do interior.

A abadia estava amplamente abastecida. Graças a tais cuidados, os cortesãos poderiam enfrentar o contágio. Que o exterior se arranjasse como pudesse. De sua feita, seria uma loucura afligir a alma com meditações sobre a peste. O príncipe havia fornido aquele refúgio com todos os meios prazerosos. Havia bufões, improvisadores, bailarinos, músicos, formosuras de todas as espécies. E havia, também, o vinho. Todas essas belas coisas havia no interior, além da segurança. Lá fora, disseminava-se a “Morte Vermelha”.

Foi ao fim do quinto ou sexto dia em seu refúgio, enquanto a peste fazia grande estragos além das muralhas, que o Príncipe Próspero proporcionou aos convivas um baile de máscaras da mais insólita magnificência.

Que quadro voluptuoso era o baile de máscaras! Permitam-me descrever os salões onde a festança ocorreu. Havia uma série de sete salões imperiais. Em muitos palácios, esta série de salões forma amplas perspectivas, em linha reta, quando as portas se descerram de par em par, de tal forma que a vista penetra até o fundo, sem qualquer obstáculo. Aqui, o

caso era assaz diferente, como se era de esperar da parte daquele Duque e de sua inclinação pelo bizarro. Estavam as salas dispostas de forma tão irregular que a vista não poderia compreender senão um salão de cada vez. Ao término de um espaço de vinte ou trinta jardas, via-se uma brusca curva e, a cada esquina, o ambiente assumia um aspecto diferente. À direita e à esquerda, e ao meio de cada parede, uma alta e estreita janela gótica abria-se para um corredor fechado, que seguia a sinuosidade dos cômodos.

Cada janela era guarnecida de vitrais cujas cores harmonizavam-se com a tonalidade dominante da decoração do salão para o qual se abria. O que ocupava a extremidade oeste, por exemplo, era decorado de azul e os vitrais eram de um azul vívido. O segundo dos salões era decorado e guarnecido de cor púrpura e os vitrais eram igualmente púrpuras. O terceiro era completamente verde e verdes eram também as janelas. O quarto, alaranjado, estava iluminado por uma janela de igual cor. O quinto era branco e o sexto, violeta. O sétimo era rigorosamente forrado por tapeçaria de veludo negro, que revestia o teto e as paredes, e que caía em pesadas rugas sobre um tapete do mesmo material e de mesma cor. Mas, neste salão, a cor dos vitrais não correspondia ao da decoração: os vitrais eram escarlates, de uma tonalidade intensa de sangue.

Ora, em nenhuma daquelas salas se viam lâmpadas ou candelabros em meio à profusão de adornos em ouro, que se espalhavam em todos os cantos, ou se dependuravam ao teto. Não havia lâmpadas ou velas. Luz alguma dessa natureza emanava na seqüência de salas. Porém, nos corredores que as envolviam, exatamente em frente de cada janela, elevava-se uma pesada trípode com um braseiro, a projetar seus raios através dos vitrais coloridos, iluminando deslumbrantemente a sala. Perfazia-se uma miríade de formas cambiantes e fantásticas. Mas, na sala voltada ao poente, na câmara negra, a claridade do braseiro, que se refletia sobre as negras tapeçarias, através dos vitrais sangrentos, era sobremodo sinistra e incidia sobre as faces dos imprudentes que ali entravam, conferindo-lhes um aspecto de tal forma estranha que muito poucos dançarinos se sentiam com suficiente coragem para penetrar no recinto.

Também nesse salão se erguia, amparado no muro oriental, um gigantesco carrilhão de ébano. Seu pêndulo oscilava com um tic-tac surdo, pesado, monótono; em quando os ponteiros dos minutos haviam percorrido todo o seu círculo, e a hora se completava, provinha dos pulmões de bronze um som claro, estrepitoso, profundo e extraordinariamente musical, mas de um timbre tão regular que, de hora em hora, os músicos da orquestra eram obrigados a interromper por alguns segundos a execução, para escutar a música das horas; e os dançarinos cessavam, à força, as suas evoluções. Uma momentânea perturbação grassava

aquela multidão alegre e, enquanto soava o carrilhão, era possível notar que até os mais arrojados empalideciam e os de maior idade e reflexão passavam a mão à frente, como se abandonados a uma meditação confusa ou a um devaneio. E, mal se dissipava o eco das horas, circulava no ambiente leves risadas. Os músicos olhavam uns aos outros e se riam dos próprios nervos e da própria loucura; e juravam, em voz baixa, que, da próxima vez em que soasse o carrilhão, não sentiriam o mesmo desconforto. Mas, no entanto, quando decorridos os sessenta minutos da hora desaparecida, que continha os três mil e seiscentos segundos; quando irrompia uma nova batida do relógio fatal, reproduzia-se o mesmo estremecimento, os mesmos calafrios e os mesmos devaneios febris.

Apesar disto, a orgia continuava alegre e magnífica. O gosto do Duque era especialmente singular. Tinha a vista apurada para as cores e aos efeitos que estas produziam. Desdenhava dos gostos da moda. Seus planos eram temerários e selvagens e suas concepções brilhavam com um bárbaro esplendor. Alguns o julgavam louco. Mas os seus cortesãos sabiam que não. Todavia, era preciso vê-lo, toca-lo, para assegurarem-se de que ele não estava de fato ensandecido.

Para esse baile, havia o príncipe se ocupado, pessoalmente, da decoração do mobiliário das salas e foi o seu gosto pessoal que elegera o estilo das máscaras. Dúvidas não pode haver de que eram concepções grotescas. Tudo era deslumbrante e brilhante. Havia coisas chocantes, fantásticas, muito do que depois foi visto no “Hernani”. Havia figuras arabescas, com membros e adornos desconformes; fantasias delirantes como a loucura. Havia muito de belo, de licencioso, de bizarro; algo de terrível e não pouco do que produzia repugnância.

Era como se uma miríade de sonhos deslizasse de um lado para o outro nas sete salas. E tais sonhos se contorciam em todos os sentidos, tomando a cor dos salões, fazendo com que a estranha música da orquestra parecesse o eco de seus próprios passos. Mas logo soava o relógio de ébano no salão dos veludos. Então, por um momento, tudo se detinha, tudo emudecia, salvo o ecoar do relógio. Tudo se congelava em suas posturas. Mas os ecos do carrilhão se desvaneceram – não duraram senão um momento –, e, mal se extinguíram, as gargalhadas, mal reprimidas, ecoavam por todos os cantos. E a música voltava a tocar, reavivando os sonhos; aqui e ali os dançarinos retomavam as evoluções, mais alegre do que nunca, refletindo a cor dos vitrais atrás dos quais fluíam os raios da trípode. Porém, no salão do extremo ocidental, não havia máscara alguma que se atrevesse a penetrar, porque a noite declinava. Ali se descerrava uma luz de um escarlate profundo, através dos vitrais cor de sangue, e a escuridão das cortinas tingidas de negro era aterradora. E, para aqueles que

punham os pés sobre os tapetes, brotava do relógio de ébano um clangor ainda mais pesado, mais solenemente enérgico que o que chegava aos ouvidos dos mascarados que se divertiam nos salões mais distantes.

Mas esses outros salões estavam repletos e o coração da vida ali febrilmente pulsava. E o baile continuava, chegava ao seu ápice, quando do carrilhão soou a meia-noite. Então, como já se disse, a música parou; os que dançavam detiveram-se em suas evoluções. E a angustiante imobilidade a tudo dominou. Agora, porém, o carrilhão bateria doze vezes. Desta vez, porque ecoou o mais longamente o carrilhão, inseriram-se nos pensamentos dos que se atiravam à diversão um maior volume de meditações. E talvez, por isso mesmo, muitos do que compunham a multidão, antes de se esgotarem os derradeiros ecos das últimas horas dadas, puderam perceber a presença de um mascarado que, até aquele instante, ninguém notara. E, tendo se espalhado, aos sussurros, a notícia daquela intrusão, insinuou-se na multidão um murmúrio indicativo de surpresa e desaprovação, que evoluiu para o terror, horror e repugnância.

Numa multidão fantasmagórica como a que descrevi, era necessário, sem dúvidas, que fosse a aparição absolutamente extraordinária para ensejar tal sensação. A licenciosidade carnavalesca daquela noite era, realmente, quase sem limites. Mas a personagem em questão havia transcendido à extravagância de um Herodes e ultrapassado os amplos limites do decoro que o Príncipe estabelecera. Há nos mais temerários corações cordas que não se deixam tocar sem emoções. Até entre os depravados, para quem a vida e a morte são igualmente um brinquedo, há coisas com as quais não se pode brincar. Os convivas pareciam sentir, profundamente, a inconveniência dos os trajes e da conduta do estranho. Era ele alto e delgado. Estava envolto com uma mortalha funerária da cabeça aos pés. A máscara, que lhe ocultava as faces, reproduzia fielmente o semblante de um rígido cadáver, que um exame apurado teria dificuldades em perceber o engano. Ora, aquela frenética multidão bem poderia tolerar, e mesmo aprovar, aquela desagradável figura, acaso o mascarado não tivesse adotado a representação da “Morte Vermelha”. Suas roupas estavam enodadas de sangue e a sua ampla testa, assim como as suas feições, salpicadas do horror escarlate.

Quando os olhos do Príncipe Próspero focaram a espectral figura – que, com solenes e enfáticos movimentos, feitos para melhor representar o seu papel, evoluía aqui e ali entre os dançarinos –, caiu numa violenta comoção e estremelecimento, tomado pelo terror e pela repugnância. E, segundos depois, sua fronte se enegreceu de ira:

- Quem se atreve – perguntou com rouca voz aos cortesãos que o rodeavam -, quem ousa a nos insultar com esta ironia blasfema? Segurem-no e desmascarem-no, para que saibamos a quem iremos enforcar, nos altos das ameias, ao amanhecer!

Encontrava-se o Príncipe Próspero, ao pronunciar estas palavras, no salão oriental, ou câmara azul, e a voz do Príncipe Próspero ressonou potente e clara pelos sete salões, pois o Príncipe era um homem impetuoso e forte, e a música havia cessado a um gesto de sua mão. Estes fatos ocorriam no salão oriental, sendo o Príncipe ladeado por um grupo de pálidos cortesãos. No início, enquanto falava o Príncipe, o grupo se movimentou, levemente, na direção do intruso, que esteve, por um momento, quase ao alcance de suas mãos, mas que agora, com passos firmes e majestosos, se acercava cada vez mais do Príncipe. Mas, em razão do indefinível terror que a audácia do mascarado havia inspirado em todos aqueles que ali se reuniam, ninguém estendeu a mão para agarrá-lo, mesmo quando, sem qualquer obstáculo, passou a dois passos da pessoa do Príncipe. E tanto que a mesma assembléia, como que obediente a um só movimento, recuou do centro do salão às paredes. O mascarado seguiu, sem interrupção, o seu caminho, com os mesmos passos solenes e bem medidos, com os quais, desde o início, se distinguira, passando da sala azul à púrpura; da sala verde à alaranjada; e desta à branca; e da branca à violeta, sem que houvesse quem o detivesse.

Então o Príncipe Próspero, tomado de ira e de vergonha pela covardia momentânea, precipitou-se através das seis salas, sem que ninguém o seguisse, porque um temor mortal se apoderara de todos os convivas. Brandiu um punhal e se aproximou a uma distância de três ou quatro passos do fantasma que se retirava, quando este último, ao aproximar-se da sala de veludo, voltou-se bruscamente, afrontando aquele que o perseguia.

Ecoou um grito agudo e o punhal caiu, como um relâmpago, sobre o tapete fúnebre, onde o Príncipe o Príncipe Próspero tombou morto, instantaneamente. Então, invocando a frenética coragem do desespero, a multidão de mascarados precipitou-se à sala negra, e, agarrando-se ao desconhecido, que se mantinha imóvel e ereto como uma grande estátua à sombra do carrilhão, viu-se presa de um terror inominável, ao perceber que não havia forma tangível alguma sob a mortalha e sob a máscara cadavérica. Todos reconheceram, então, que ali estava presente a “Morte Vermelha”. Ela se insinuara como um ladrão noturno.

E todos os convivas tombaram, um a um, nos salões das orgias, manchados de sangue, morrendo na mesma postura desesperada com a qual desabaram.

E a vida do relógio de ébano se extinguiu com a do último daqueles seres licenciosos. E as chamas dos tripés expiraram. E as Trevas, e a Ruína e a “Morte Vermelha” deitaram sobre tudo o seu ilimitado domínio.